

## BIOGRAFIA JORNALÍSTICA: ALGUMAS POSSIBILIDADES

### JOURNALISTIC BIOGRAPHY: SOME POSSIBILITIES

Rodrigo Bartz<sup>1</sup>  
Demétrio de Azeredo Soster<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo abordamos as biografias de natureza jornalística sob alguns aspectos narrativos, além de estratégias para a (re)construção dessa vida. Tal desejo surgiu da curiosidade a respeito do gênero que aparece sempre no topo nas listas de comercialização e abarrotas as vitrines de livrarias e bibliotecas, principalmente a partir do século XX, mas ainda é desprezado pela academia e pouco estudado. Verificamos que nas biografias escritas por jornalistas de ofício, o que é uma tendência atual de mercado, muitas das peças do quebra-cabeça biográfico ou *puzzle*, como denomina Décio Pignatari (1996), não se encaixam ou parecem pertencer a outro jogo. Assim, nos propomos a apresentar algumas técnicas de abordagem usadas nas biografias. A pesquisa adota como corpus a obra *Getúlio: dos anos de formação à conquista do poder (1882-1930)*, do jornalista Lira Neto (2012), indexada como uma narrativa jornalística, na forma de biografia.

**Palavras-chave:** Biografia jornalística Getúlio. Jornalismo e literatura. Biografemas. Abordagem.

192

---

### 1 O que nos move

Por que analisar as biografias? Por que as biografias escritas por jornalistas? Essas perguntas, ouvimos por diversas vezes. A curiosidade dos questionamentos provém (cremos) do pouco conhecimento que o público em geral (e mesmo acadêmico) possui acerca do tema e talvez pelo preconceito que ainda, mesmo com todo o crescimento do gênero, exista no entorno científico da academia.

As respostas estão diretamente ligadas ao nosso interesse em estudar as complexificações que emergem quando o narrador (jornalista de ofício) resolve dialogar com a literatura, neste gênero (biográfico) que abarrotas as prateleiras de livrarias e bibliotecas, sendo inclusive número um de vendas em alguns sites<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Letras (PPGL) da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Membro voluntário do grupo de pesquisa "jornalismo e literatura: narrativas complexificadas" da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). E-mail: rodrigobartzm@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação pela Unisinos, Chefe do departamento de Comunicação Social e professor pesquisador do PPG Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). E-mail: dsoster@uol.com.br

<sup>3</sup> <http://www.liraneto.com/2012/05/getulio-o-mais-vendido-na-livraria.html>.

Por meio do estudo realizado no grupo de pesquisa<sup>4</sup>, abordamos o que significa para o jornalismo valer-se de recursos da literatura para dar conta de seus relatos. Buscamos também encontrar recorrências ou os motivos dessas complexificações e reformulações no campo do jornalismo, quando nos deparamos com uma ocorrência biográfica que nos perturbou e que, por consequência, tornou-se nosso carro-chefe. Verificamos que quando dialogam com a literatura muitas biografias, tomando alguns fatos da vida do biografado, os transformam em signos abundantes de significações que reconstituem a escrita biográfica por meio da fragmentação do sujeito, conforme Barthes (1979), fazendo emergir o que o crítico chama de biografemas.

Assim, esses biografemas seriam a resulta da montagem de uma biodiagramação com base na coleta e escolha de biografemas: “[...] armados num bastidor biográfico, em função de certo *design*, um interpretante-objeto a que chamaríamos de significado da vida em questão.” (PIGNATARI, 1996, p. 13). Os biografemas são, pois, uma forma de ficcionalizar os documentos e provas, uma vez que sem factualidade e comprovação documental os biografemas também não existem. E quando se valorizam demasiadamente os biografemas ou fatos de pouca ou nenhuma importância, a biografia se torna o que Pignatari (1996) chama de *puzzle* em que se pode “observar enormes lacunas [...] transformando-se num arquipélago bizarro de biografemas flutuantes.” (IBIDEM, p. 17). Assim, o biografema não é um substituto ou inimigo do documental em uma biografia, mesmo centrando-se na impossibilidade de resgatar a linha histórica, uma vida linear e cronológica (será possível?). O que resta? Resta ao escritor de uma biografia tentar fazê-lo à sua maneira.

No decorrer comprovamos que apesar de híbrida, que significa a mescla de muitos gêneros e tendências, como afirmam autores abordados, a biografia

---

<sup>4</sup> Jornalismo e literatura: narrativas reconfiguradas. Iniciado em março de 2013, junto ao PPG em Letras em parceria com o curso de Comunicação Social da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Jornalismo e literatura: narrativas reconfiguradas. Projeto de pesquisa que tem por objetivo observar as reconfigurações decorrentes da utilização, por parte do jornalismo, de recursos da narrativa de natureza literária que acabam por transformar tanto o que é da ordem do jornalismo como da literatura, em uma perspectiva dialógica. O objeto de estudo são os livros-reportagens e as biografias de natureza jornalística.

possui elementos e inclinações, principalmente narrativas e de estilo, que permitem classificá-la como jornalística. Constatamos que nas biografias escritas por jornalistas de ofício, o que é uma tendência atual de mercado, muitas das peças do quebra-cabeça biográfico ou *puzzle*, como batiza Décio Pignatari (1996), não se encaixam ou parecem pertencer a outro jogo. Deste modo, muitas dessas lacunas deixadas por essas peças faltantes ou desencaixadas são contornadas com o que Roland Barthes, em *Câmara Clara* (1984) e *Sade, em Fourier, Loyola* (1979) denomina biografemas. Sob a ótica de Barthes (1979) entende-se biografemas como esses traços insignificantes, essas “cinzas soltas” com a função de dar novos e imprecisos contornos à verdade, como afirma Luciano Bedin da Costa (2011). A pesquisa adota como corpus a obra *Getúlio: dos anos de formação à conquista do poder* (1882-1930), do jornalista Lira Neto (2012), indexada como uma narrativa jornalística, na forma de biografia.

Então, a proposta de nosso trabalho, é muito mais o debate dessa(s), digamos, intertextualidade(s) do gênero biográfico, do que propriamente uma cristalização ou conceitualização do gênero em estudo. Queremos sim, entender esses suportes que estabelecem novos meios de interação e redefinem práticas sociais. Produto, estilo impuro, o gênero biográfico se situa na divisa entre a vontade de reproduzir o real e o ficcional, que fica de acordo com as feições criativas do escritor.

## 2 BIOGRAFIA JORNALÍSTICA: ALGUMAS POSSIBILIDADES

Vilas Boas evidencia em sua tese doutoral (2006) que não acredita na possibilidade de uma biografia jornalística. No decorrer de sua pesquisa essa chance se tornou “insustentável porque é imensa a variedade de intercâmbios possíveis entre diversas áreas do conhecimento do indivíduo humano e para a biografia em particular” (VILAS BOAS, 2006, p.15). Opta, assim, por seguir a trilha da multidisciplinaridade característica da narrativa biográfica. Porém, mesmo construídas de forma intertextual e interdisciplinar, ou seja, como afirma Dosse (2009) “um gênero impuro”, existem caminhos a serem percorridos ao se tratar de uma tentativa de classificação, ou de abordagem, das biografias ditas jornalísticas. Vejamos alguns.

Uma das formas seria por meio das categorias e gêneros jornalísticos. Assim, encontramos exemplos de todas as categorias nos moldes propostos por Melo (2010), (exceto a utilitária<sup>5</sup>), que, na verdade, funcionam como indexadores de camadas mais profundas, conclusão essa obtida após leituras de algumas biografias e livros-reportagem, para a elaboração de artigo apresentado no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM) em Manaus (2013), em parceria com o grupo de pesquisa *Jornalismo e literatura: narrativas reconfiguradas*. Nas categorias informativa, interpretativa e diversional alguns gêneros são mais recorrentes que outros. Para fins ilustrativos, forneceremos alguns exemplos. Lira Neto (2012) em sua biografia *Getúlio* faz uso da categoria informativa juntamente com o gênero reportagem tratando de um acontecimento que produziu impacto social no país e a categoria entrevista, presente no trecho em que um repórter gaúcho pergunta a Oswaldo Aranha a respeito de sua decisão de abandonar seu posto na Secretaria do Governo do Rio Grande do Sul. Aranha fornece sua própria versão do acontecimento:

Trata-se de um capítulo da história da revolução que ainda não deve ser divulgado. É cedo. Deixemos que o tempo, criando a perspectiva exata dos fatos, apague o braseiro das paixões que a imediação do movimento ainda não pôde suscitar. (NETO, 2012, p. 442).

Na categoria opinativa, temos o exemplo do comentário. Ao se referir à marchinha popular de autoria de Lamartine Babo que estreitava ainda mais a relação do povo com seu novo governante, Lira Neto explicita sua opinião a respeito da mesma ao afirmar que era: “O refrão irresistivelmente pegajoso [...]”.

Em se tratando de categoria interpretativa, Neto (2012) faz uso da cronologia e do perfil. O gênero perfil pode ser observado no trecho, quando o autor caracteriza o pai de Getúlio: “aquele homem baixote, tronco volumoso, ombros largos, maxilar quadrado, vasto bigode, olhos negros encimados por cerradas sobancelhas [...]” (IBIDEM, p. 28). E como cronologia podemos citar, em

---

<sup>5</sup> Em uma das abordagens de nosso Grupo de Pesquisa, verificamos as riquezas narrativas das obras do jornalista Fernando Moraes. Para tanto analisamos, de um lado, as categorias e os gêneros que a compõem, e de outro, o papel que ela ocupa no sistema midiático-comunicacional, elaborando um artigo apresentado no INTERCOM Manaus (2013) com o título, “O que dizem os gêneros nas narrativas jornalísticas não-biográficas de Fernando Moraes” disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0046-1.pdf>.

forma de indexadores, os subtítulos que traçam cronologicamente a vida do personagem biografado, trazendo em cada um deles uma data como “I. A terra ali é vermelha feito brasa. Dizem que é por tanto sangue derramado nela (1865-96).” (IBIDEM, p. 28). Igualmente encontramos passagens no enredo como: “[...] na tarde daquele 15 de janeiro de 1931, uma quinta-feira escaldante, as 10 mil pessoas [...]” (IBIDEM, p. 13).

A categoria diversional é encontrada com mais recorrência nas biografias e nos livros-reportagem. Encontramos, por mais de uma de uma vez, os dois gêneros propostos por Melo (2010) em *Getúlio* (2012), porém para evitarmos “excessos” ficaremos em apenas um excerto de cada. Como história de interesse humano, podemos citar como exemplo:

Olhou para os lados da porteira e vislumbrou, algumas dezenas de metros adiante um homem esguio vindo em sua direção. O sujeito estava montado em um cavalo escuro, o chapéu preto de abas largas pendendo sobre a testa, escondeu-lhe os olhos. Ao redor da sinistra figura, rosnava a matilha. (NETO, 2012, p. 59).

Já na passagem em que Neto (2012) retrata a chegada de Getúlio à Curitiba em 20 de outubro temos a categoria diversional explicitada no gênero história colorida:

Quando desembarcou na estação completamente abarrotada de populares, uma limusine conversível o aguardava para levá-lo até o palácio do governo estadual. Com um vistoso arranjo de flores colocado sobre o capô, o veículo mais parecia um carro alegórico. (IBIDEM, p. 502).

De acordo com Soster et al. (2010), a produção classificada como interpretativa e diversional ganhou maior visibilidade devido à profunda imersão tecnológica que vive o jornalismo. Isso acontece, segundo ele, porque as duas formas tornaram-se elementos de constituição identitária e diferenciadora diante de um sistema midiático-comunicacional. Assim, outra forma de abordagem seria por meio da midiatização, ou jornalismo midiatizado que permite compreender como modelos de jornalismo se revigoram em meio a um cenário de profunda imersão tecnológica<sup>6</sup>. A abordagem pelo viés dos gêneros, segundo Soster (2013),

---

<sup>6</sup> O sistema midiático-comunicacional, denominado “jornalístico”, estabelece-se como tal quando os jornais e revistas impressos, rádios, televisões, webjornais, sites jornalísticos, blogs e microblogs de natureza jornalística são unidos por meio da web. (SOSTER et.al.2010, p. 4).

se apresenta como uma estratégia para compreendermos reconfigurações que emergem destas narrativas.

Como Jornalismo midiático, Soster (2008, 2009) define aquele cujos dispositivos mais do que veículos de midiatização são alterados por esse processo, midiatizando-se. O jornalismo midiático para Soster (2013) é composto pela: auto referência, coreferência, descentralização, dialogia e atorização. A dialogia é a mais relevante característica para nossa pesquisa. Por conseguinte, nessa característica, o jornalismo vai buscar em outras áreas conhecimentos legitimação enquanto campo, como ocorre nas biografias. Não se trata aqui de apenas uma hibridização, mas sim de uma nova realidade sócio-discursiva que complexifica sua estrutura<sup>7</sup>.

Para Soster (2013) é particularmente por meio da dialogia, isto é, pelo diálogo entre dois ou mais campos do conhecimento em uma perspectiva midiatizada, que encontramos tal emergência nos gêneros discursivos do jornalismo, como o diversional e o interpretativo, assentados principalmente em livros-reportagem e em biografias jornalísticas.

Já em Lima (1993), mesmo tendo como seu objeto de análise somente o livro-reportagem também encontramos algumas considerações que se encaixam perfeitamente nas biografias. A iniciar.

Para Lima, o livro-reportagem perfil procura evidenciar o humano de uma personalidade pública ou anônima. Inclusive, sustenta que: “[...] uma variante dessa modalidade é o livro-reportagem-biografia, quando um jornalista, [...], centra suas baterias mais em torno da vida, do passado, da carreira [...] normalmente dando mais destaque ao presente” (LIMA, 1993, p.45).

Conforme o pesquisador, temos nos periódicos alguns pilares fundamentais como: a atualidade, a periodicidade, a universalidade e a difusão coletiva. Essas características principais dos periódicos, levantadas inicialmente por Groth (2011), ajudam em uma possível compreensão do fenômeno jornalístico.

---

<sup>7</sup> Ocorre, por exemplo, quando o jornalismo vai buscar na literatura, por meio de reportagens ou livros-reportagem, o substrato para sua própria manutenção enquanto jornalismo, o mesmo ocorrendo com a literatura. É o que se percebe, a título de ilustração, quando escritores passam a se valer, cada vez mais, de dispositivos como jornais e revista para emprestar sentido e amplitude aos seus relatos, que acabam por se transformar nesta relação. Isso já ocorria desde pelo menos os folhetins, é bem verdade, mas não com a intensidade que se verifica hoje. (SOSTER, 2013, p. 101).

Em sua pesquisa, que consistia no fundamento do objeto das ciências dos jornais, Groth se depara com a periodicidade como característica evidente e ao penetrar no conteúdo esbarra nas características da universalidade, tendo nela contida a atualidade. No final identifica a qualidade da publicidade, difusão coletiva, entendida por ele como a direção, o objetivo da obra, o fio condutor do seu sentido<sup>8</sup>.

A universalidade, teoria de Groth (2011) acerca dos periódicos, poderia, assim como nos livros-reportagem, se encaixar também nas biografias pela variedade de temas e personalidades encontradas nas diversas escritas biográficas e pela difusão em diversas áreas de maneira heterogênea. Nesses veículos, a universalidade contempla o papel da imprensa cotidiana em virtude de ampliar temas já abordados ou por penetrar de forma mais profunda temas verificados de maneira rasa pela mesma. Podemos tomar a universalidade como variedade tanto de temas, como de aspectos diversos de um mesmo tema. E tanto nas biografias quanto nos livros-reportagem, além de termos uma multiplicidade de temas e abordagens, muitas vezes entendemos a partir das abordagens realizadas nestes um núcleo para o entendimento de seu entorno. Encontramos amparo em Lima (1993) que afirma:

Visto enquanto veículo de comunicação isolado, também é revestido de universalidade porque divide a realidade que focaliza em múltiplos prismas que permitem no final, quando bem sucedido, uma visão completa do arco-íris (IBIDEM, p. 43).

---

<sup>8</sup> Groth (2011) afirma que a periodicidade do jornal está ligada à lei geral da periodicidade “[...] que, assim como para toda a natureza viva ou morta, vale também especialmente para o ser humano, para a sociedade e para a cultura”. [...] A universalidade significa a capacidade e disponibilidade do jornal de mediar para os seus leitores tudo de todas as áreas da vida e da produção humana [...] significa na verdade a presença sem exceção de todas as áreas, mas não a completude do conteúdo, não a completude de cada detalhe. [...] A atualidade para o pesquisador tem como significado uma, digamos dimensão de tempo entre a mediação do jornal, ou seja, sua publicação e do momento de acontecer, uma vivência do presente. [...] A publicidade potencial expressa o possível, a publicidade atual expressa a proporção de fato em que o número e a distribuição espacial do consumidor (leitor) do jornal está para o número e a distribuição espacial das pessoas de uma determinada área. Esta área pode ser limitada segundo diversos princípios: o número de habitantes da cidade, da província, do país onde o jornal é publicado pode ser tomado como base para a constatação da proporção, mas também é possível selecionar a partir deste número círculos mais estreitos de pessoas, como adultos, famílias, alfabetizados e assim por diante. (GROTH, 2011, p. 152 - 272).

A atualidade, na biografia, também deve ser entendida de forma diferente (dos periódicos), mais aberta, mais ampla. Nas biografias a atualidade deve ser analisada de forma a tornar mais profundas as notícias dadas superficialmente pelos periódicos. Lima sustenta que muitas vezes essa busca faz parte da inquietação do jornalista diante da superficialidade da notícia, ou de uma tentativa de usufruir: “[...] seu potencial de construtor de narrativa da realidade” (LIMA, 1993, p. 33).

Lima esclarece que mesmo os livros-reportagem, assim como as biografias, não obedecendo a uma regularidade de produção, têm uma ligação com a periodicidade. Essa associação pode ser considerada através da repetição de edições seguidas da mesma obra, quando a recorrência prolonga os acontecimentos a partir de temas conhecidos pelo público ou ainda divulgados inicialmente pela imprensa. O livro-reportagem permite ao leitor analisar e opinar novamente acerca de fatos passados. Isso se aproxima da biografia, porém não com temas conhecidos, (como no livro-reportagem) mas com pessoas famosas, personalidades conhecidas pelo público. Além disso, nas biografias o reposicionamento é também permitido trazendo, em alguns casos, personagens que fizeram parte da história de uma determinada nação. Temos nesses fatos desenrolados com o passar do tempo uma ponte que conforme Lima (1993) é a periodicidade. Ligada intimamente com a atualidade, a periodicidade traz à tona temas e reposicionamentos ao longo dos anos, como em diversos casos na biografia, situação, por exemplo, do personagem biografado Getúlio Vargas, que voltou a ser exaustivamente personagem de biografias no ano de 2004, cinquentenário de sua morte.

Concordamos com Lima (1993) quando assegura que a difusão é característica indiscutível do jornalismo, em nosso caso, das biografias em forma de livro, pois é uma característica de forma. Isso significa uma forma de estar aberta, acessível aos leitores, característica, que faz com que a biografia, de modo semelhante ao jornal, possa se alongar em diversas direções.

Outra teoria que podemos dialogar é a de Genro Filho (2012), pois se pode aplicar ao campo do jornalismo como um todo. Ao fundamentar as



categorias universal, singular e particular afirma que é possível enquadrar todos os acontecimentos jornalísticos em tais:

Para Genro Filho, é possível enquadrar todos os acontecimentos jornalísticos nas categorias singular, universal e particular. Genro Filho (2012, p.170) declara que no universal “[...] estão contidos e dissolvidos os diversos fenômenos singulares e os grupos de fenômenos particulares que o constituem”. Já no singular “[...] através da identidade real, estão presente o particular e o universal dos quais ele é parte integrante e ativamente relacionada”. Finalmente, o particular “[...] é um ponto intermediário entre os extremos, sendo também uma realidade dinâmica e efetiva”. O singular também pode ser entendido como aquilo que não é idêntico, que não se repete. Como uma pessoa, por exemplo, que possui características próprias e por isso é singular. Porém, mesmo sendo singular, essa pessoa é da mesma forma particular e universal, isto é, se uma pessoa tem características únicas e por isso é singular, é igualmente particular por ter outras características iguais à de um grupo e universal por ter características que são comuns a todas as pessoas (BARTZ, 2014, p. 67).

Proposta pelo autor, *a pirâmide em pé*, imagem pela qual descreve sua teoria, aponta que um texto informativo jornalístico parte da singularidade como característica primeira do jornalismo para a particularidade e a universalidade.

Assim, os pilares de Genro Filho são relevantes, pois com eles podemos verificar se a biografia Getúlio de Lira Neto (2012) busca elementos jornalísticos como singularidade e, conseqüentemente, diferenciar o jornalismo das demais ciências, sendo que aqui (biografia jornalística) a singularidade é um ponto importante, enquanto que para outras ciências, como Sociologia nem tanto. Queremos dizer com isso que os pilares de Genro Filho auxiliam na distinção entre uma biografia histórica, mais pautada no universal e uma biografia jornalística, como nosso *corpus*, mais pautada na singularidade do personagem biografado.

Além disso, encontramos, não raras vezes, nas narrativas biográficas as técnicas norteadoras dos escritores do *Creative nonfiction*<sup>9</sup>, como no excerto seguinte quando verificamos a presença da reconstituição minuciosa, isso para ficarmos em somente um exemplo:

---

<sup>9</sup> A primeira delas é a construção cena-a-cena. Decorrente da primeira técnica, a segunda consiste em testemunhar o fato e registrar os diálogos em sua totalidade. A terceira técnica é a alternância do foco narrativo, cujo objetivo é apresentar cada cena ao leitor através dos olhos de uma personagem particular, propiciando a ele a sensação de estar dentro da cena. A quarta da construção minuciosa que consiste em reunir e citar os gestos e hábitos cotidianos, a personalidade, o comportamento com familiares, crianças, empregados, e vizinhos, além de outros pormenores que permeiam a vida dos personagens e que servem para delimitar estilo de vida, por exemplo. (Wolfe, 2005).

O homenzinho pequenino e barrigudo se transfigurava, no imaginário da revolução, em guerreiro garboso, que conquistava a admiração dos cavalheiros e arrancava suspiros das damas. Para adotar figurino mais apropriado a uma campanha revolucionária, logo depois de deixar a capital gaúcha Getúlio trocara os trajes civis pelo uniforme militar de brim cáqui. A indumentária, contudo, não lhe caíra bem. O abdômen proeminente ficou ainda mais manifesto quando circundado pelo grosso cinto de couro preto, que destacou sua silhueta cada vez mais roliça. As botas de cano longo, que iam até quase à altura dos joelhos e formavam uma espécie de balão duplo na calça comprida embocada dentro delas, pareciam encurtar ainda mais as pernas miúdas. Mas nem mesmo isso conseguia empanar a auréola – habitualmente construída com a devida ajuda da imprensa rio-grandense – de um líder que seguia para a guerra em defesa de seu povo. (NETO, 2012, p. 494).

Mesmo que não se tenha uma predominância deste ou daquele campo percebemos que uma das formas de intertextualizar literatura e jornalismo, na escrita biográfica, é através das técnicas ou procedimentos que guiam o movimento alavancado pelos escritores americanos em meados dos anos cinquenta. Embora não se tenha documentos oficiais que comprovem, ou seja, não podemos afirmar que Lira Neto é influenciado somente e diretamente pelo movimento, percebemos que através dos procedimentos usados pelos adeptos do *New Journalism* temos uma possível porta de entrada para introduzir elementos literários em escritas biográficas.

Notemos, dessa forma, que apesar de híbrida, intertextual, as biografias possuem elementos narrativos e de estilo que permitem denominá-la, classificá-la como jornalística, porém isso não é o mais importante. Procuramos evidenciar aqui, mesmo que de forma exaustiva, algumas possibilidades de abordagem das biografias de cunho jornalístico e as complexificações emergentes de algumas estruturais verificações que, como afirmamos anteriormente, se prestam apenas como formas mais largas de averiguação e discussão.

### 3 UMA ABORDAGEM: OS BIOGRAFEMAS

Após ter delineado um espaço e, não restrito, mas norteado as biografias quanto a sua classificação, isto é: jornalística; adentramos na abordagem biografemática. Explicamos o conceito.

Para Barthes (1979), biografema é entendido como uma espécie de anamnese factícia, uma imitação que é mais da ordem da fabulação, daquilo que não toma como modelo um Real-Imaginário, mas que o inventa na sua necessidade de fazer algo com ele. Esse sujeito revisitado por Barthes (1979) está aos pedaços, disperso, “um pouco como as cinzas que se lançam ao vento depois da morte” (BARTHES, 1979, p.14). E a partir de então Barthes se depara com seu anseio:

Se eu fosse escritor, e morto, como gostaria que a minha vida se reduzisse, pelos cuidados de um amigável e desenvolvido biógrafo, a algumas inflexões, digamos: biografemas, em que a distinção e a mobilidade poderiam deambular fora de qualquer destino e virem contagiar, como átomos voluptuosos, algum corpo futuro, destinado a mesma dispersão! (BARTHES, 1979, p.14).

Ao abordar a semiótica da biografia, Décio Pignatari (1996) afirma que o trabalho biográfico é realizado por alguém que, como uma aranha à caça da mosca, arma uma teia através dos diversos recursos utilizados pela biografia, como o documento, o factual e o ficcional, isto é, “capta, lê a vida de alguém”. (PIGNATARI, 1996, p. 13). Pignatari (1996) propõe, dessa forma, a concepção de biodiagrama como um conjunto de biografemas. Ao extrair fios das mais variadas naturezas sígnicas o biógrafo elabora uma tessitura (biodiagrama). A prática biografemática faz uso do material acerca da vida do autor, porém de forma desfragmentada, como um compósito de signos soltos prontos para pontilharem outros rostos, culminando em jogos de mentiras e verdades.

Em sua pesquisa, Luciano Bedin da Costa (2011) afirma que ao invés de modelos exemplares de biografias de heróis ou de personagens religiosos a prática biografemática volta-se para o comum, para o potente que se entranha no ordinário, para as imprecisões do rosto, numa espécie de etnologia do minúsculo. Assim, a biografia ou a autobiografia resultariam da coleta de biografemas.

Entendemos biografemas como essas cinzas soltas, como afirmou Barthes (1979), essas luzes salientes em um quarto repleto delas quando algumas, dessas luzes, escolhidas pelo narrador tornam-se o foco principal, isto é, uma valorização do aparentemente insignificante que dá valor à escritura. Nessa parte da abordagem, além de Luciano Bedin da Costa (2011), encontramos no

Biografismo, de Vilas Boas (2008), uma análise consistente acerca das biografias. Mesmo que Vilas Boas não se refira à palavra biografemas, nos sentimos seguros de sua relação com a escrita biografemática. Os biografemas, como afirma Costa (2011), são muito mais apegados com a-história, narrando não o nascimento e a morte, mas as várias mortes que temos em vida. Esses traços insignificantes (estilhaços) de verdade tornam a vida uma potência. Nosso encontro com essa potência de vida chamada Getúlio Vargas nos causou uma sensação biografemática. Tal sensação nos fez costurar os biografemas com o biografismo, pois essa biografemática leitora que se instaurou em nós com força nos fazendo ser absorvidos por essa cinza heroica precoce e paradoxal com que o narrador, Lira Neto, alinhava biografematicamente, esse Getúlio, fez com que investíssemos, em um primeiro momento, em dois encontros biografemáticos que relatamos em seguida. A saber; a biografemática fatal e a biografemática extraordinária.

Lira Neto, na narrativa biográfica de *Getúlio* (2012), se vale de um ponto de vista em terceira pessoa (como na maioria esmagadora das biografias), o que não é uma garantia de imparcialidade narrativa. O biógrafo é um narrador onisciente segundo as definições de Moisés (2004) ou heterodiegético, segundo Reis e Lopes (1988). Nos capítulos de 1 a 4 da obra (acreditamos que por se tratar da constituição do personagem) *Getúlio* é frequente a presença do que chamamos de biografemas fatais, que atribuem a Getúlio Vargas um destino vencedor desde a infância. Já o que chamamos de biografemas extraordinários trazem em si uma crítica à sua genialidade inata. Por esse motivo, ficamos nesses encontros nessas fotografias de um Getúlio vencedor desde a infância, mas humano e vulnerável.

Como biografemas fatais, entendemos aquelas passagens em que o narrador evidencia sua intencionalidade de atribuir ao biografado o sucesso, a predestinação que com ele já nasce. Para tanto, reunimos a concepção de biografemas de Barthes (1979) com o fatalismo de Vilas Boas (2008) que é “[...] esse afã de realçar várias qualidades supostamente inatas, que expliquem o herói vitorioso.” (VILAS BOAS, 2008, p. 88). E como biografemas extraordinários entendemos aquelas tentativas do narrador de mostrar as diversas facetas de seu personagem e não somente seu sucesso. Isso novamente amparados na

concepção de Barthes (1979) e de Costa (2011) acerca dos biografemas, juntamente com a posição de Vilas Boas (2008) sobre o tema.

Por vezes, Lira Neto (2012) explica o sucesso político de Getúlio por meio dos biografemas fatais. Vilas Boas (2008) chama essa estratégia de fatalismo. É como se estivesse no destino do “franzino Getúlio” (Neto, 2012, p. 29) ser uma das figuras políticas mais influentes e conhecidas de todos os tempos no Brasil. A capacidade de resolver grandes problemas, de persuadir e liderar está em muitos biografemas fatais adotados pelo narrador Lira Neto, que ajudam a apregoar a suposta predestinação política de Getúlio. Vejamos alguns excertos (grifos nossos):

Nessas lutas de faz de contas, *a patente dos combatentes era determinada por Getúlio* com base na dimensão e largura dos ossos. (NETO, 2012, p. 32). [...] Divididos em grupos rivais, dezenas de maragatos e pica-paus de calças curtas muniam-se de paus, pedras ou canivetes e *partiam para a briga*, o que inevitavelmente resultava em ferimentos graves para os dois lados. *Em um desses duelos, o retraído Getúlio surpreendeu a todos ao aparecer um dia à frente dos pica-paus mirins, montado a cavalo, levantando poeira e armado de cacete*, distribuindo bordoadas entre os pequenos maragatos que fugiram assustados. (IBIDEM, p. 42).

Podemos perceber nesses biodiagramas, encontrados nos excertos retirados do primeiro capítulo da obra, uma inclinação do narrador em identificar em certos atos (realizados por um Getúlio ainda criança), um líder, uma personalidade política. Caberia aqui a pergunta: será que Getúlio já teria noção de tais atributos? Isso é perceptível na seguinte citação: “[...] a patente dos combatentes era determinada por Getúlio” (NETO, 2012, p. 32). Talvez Getúlio Vargas criança naturalmente brincasse de grandes lutas em que alguns meninos enfrentam outros. O que nos intriga é a afirmação do narrador de que a patente ou posição dos demais envolvidos na brincadeira era realmente determinada pelo então menino Getúlio que sequer imaginava ser político. Outro aspecto interessante do narrador é conceder a Getúlio uma exímia capacidade de resolver problemas sem causar outros, ou seja, as artimanhas políticas já estariam no menino Getúlio tal como no trecho: “[...] Getúlio foi contra. Objetou que só podiam capitular depois que estivessem a salvo do risco de levarem uma boa sova.” (NETO, 2012, p. 43).

Creemos que dificilmente uma criança saberia “objetar” ou que a sua liderança política afluísse tão precocemente a ponto de um menino com menos de dez anos “liderar uma frente revolucionária mirim” de forma politicamente pensada e estratégica. Podemos afirmar que os biografemas escolhidos pelo narrador são propositais, no sentido de atribuir a Getúlio Vargas o destino de ser um grande líder e exímio estrategista, hábil em situações desfavoráveis. Talvez se Getúlio pedisse a Lira Neto para atribuir-lhe esses biografemas robustos o menino não ficaria tão “mini político”, como emerge dos posicionamentos que verificamos acima.

Em relação ao biografema extraordinário, temos aqui a contribuição de Vilas Boas (2008), dotado de uma genialidade natural, porém sujeita a facetas menos laudatórias, encontrado no terceiro capítulo “Getúlio levanta o braço e adere ao motim. O gesto vai mudar sua vida” um Getúlio que também erra. A isso podemos chamar de pesquisa biografemática extraordinária, ou seja, como afirmamos anteriormente, biografemas extraordinários que mostram (implícita ou explicitamente) não só o lado vencedor de Getúlio, mas também o herói imperfeito, para parafrasear Vilas Boas (2008), ou seja, os muitos “Getúlios”. Mostrando um Getúlio descoordenado que “[...] tinha notória dificuldade de amarrar os cordões dos próprios sapatos.” (NETO, 2012, p. 88). Assim:

Sabe-se que o jovem galanteador Getúlio não era um janota. Estava longe da figura típica do dândi. *Tinha notória dificuldade de amarrar os cordões dos próprios sapatos. Mal arranjava o lenço, este desatava logo em seguida*, o que fazia com que volta e meia fosse visto com os cadarços arrastando pelo chão. (NETO, p. 84) (grifos nossos).

Outra opção biografemática de Lira Neto é guiar sua narrativa por um thorubos<sup>10</sup>, que para Luciano Bedin da Costa (2011) é um ruído, o plural sendo

---

<sup>10</sup> O Thorubos de um escrito “[...] que coloca em xeque o próprio escrito. [...] a obra diz que era frio e o texto arpeia”. (COSTA, 2011, p. 86). Assim o texto transforma-se em vários textos que “escrevemos” após nossa leitura, mesmo que não venhamos a escrever nada efetivamente, ou seja, isso corresponde a “*dar a escrever* ao não escrever absolutamente nada (Thorubos)” (COSTA, p. 87, grifos do autor). O historiador L.F. Stone (2005) afirma que a arrogância de Sócrates em seu julgamento pode ter sido a causa de sua morte. Nas apologias Sócrates foi alvo do primeiro grande julgamento da história. O pomo de discórdia do estado ateniense foi colocado em xeque na assembleia dos quinhentos heliastas, consumando-se o tanto de Platão como de Xenofonte, encontramos uma palavra importante “Thorubos”, que conforme Stone (2005) foi fundamental para a acusação de Platão. Luciano Bedin da Costa (2011), em sua tese de doutorado editada em livro refere-se à tal palavra como o barulho de censura de uma grande plateia. Segundo Costa (2011), Platão teria provocado

produzido. Além de Getúlio percebemos isso na biografia de padre Cícero, também de Lira Neto. Esse thorubos, ou seja, essa dualidade paradoxal entre bem e mal, certo e errado norteiam as duas narrativas. Em Getúlio temos o thorubos através de uma afirmação de Chatô no início da obra que afirma ser Getúlio: “[...] a primeira raposa dos pampas.” (NETO, 2012, p. 23) (grifos nossos). Essa afirmação guia toda sua narrativa, pois o Vargas de Lira Neto é astuto, audacioso, mas medroso. É dessa forma que o biografema da raposa ecoa em toda narrativa.

Para comprovar nosso pensamento, recorreremos ao Dicionário de símbolos. No referido dicionário, encontramos a seguinte definição para raposa:

Independente, mas satisfeito com a existência; ativo, inventivo, mas ao mesmo tempo destruidor; audacioso, mas medroso; inquieto, astucioso, porém desenvolto, ela encarna as contradições inerentes à natureza humana. Tudo o que a raposa é capaz de simbolizar, herói civilizador ou cúmplice de fraudes [...] (CHEVALIER, GHEERBRANDT, 1998, p. 769).

Essa comprovação deixa mais claro que o biografema utilizado por Lira Neto (2012) se baseia na afirmação de Chatô presente logo no início da biografia, funcionando como uma seta indicativa para a dualidade do personagem.

O narrador midiático Lira Neto tem como características observar as trajetórias e expor em suas narrativas a dualidade de seus personagens biografados por meio de thorubos. É o que acontece, por exemplo, com a biografia de Padre Cícero escrita em 2009 pelo Jornalista. Nela, essa dualidade pode ser percebida por meio de comparações feitas entre a mitologia popular e as acusações, que acompanham o padre, feitas pela igreja católica. Essa controvérsia pode ser percebida na seguinte análise:

A discutida relação de Cícero Romão Batista com jagunços e cangaceiros tem sido outro entrave à possível anistia cogitada por Ratzinger. Como absolver das penas do Tribunal do Santo Ofício um padre sob cujo as costas os detratores jogam a responsabilidade pela concessão da patente de capitão ao mais feroz de todos os bandoleiros nordestinos, Virgulino Ferreira da Silva, Vulgo Lampião, e troca de compromisso para que o Rei dos Cangaceiros enfrentasse, em 1926, a célebre Coluna Prestes em sua passagem pelo sertão? Como indultar um clérigo que mesmo antes disso, em 1914, teria benzido rifles, punhais, bacamartes, aparato bélico entregue à jagunçada para promover uma revolução armada, uma sedição que envolveu saques violentos a várias cidades interioranas,

---

dois Thorubos. O primeiro Thorubos foi provocado pela afirmação de que ele teria seu próprio demônio e o segundo ao afirmar que era o mais sábio dentre os homens.

provocou a morte de centenas de inocentes e resultou na derrubada de um governo legal? (NETO, 2009, p. 14).

O mesmo que ocorre com a afirmação de Chatô, no início da biografia de Getúlio Vargas que serve como um norte a partir do qual o enredo é desenvolvido, ocorre com a biografia de Padre Cícero. Note-se.

A primeira parte da biografia *Padre Cícero – poder, fé e guerra no sertão* (2009), *A cruz*, gira em torno do primeiro milagre, transformar hóstias em sangue, pois por meio desse biografema é que o sacerdote vai contra a Igreja Católica motivo de sua excomunhão.

Para comprovarmos que o narrador Lira Neto em *Getúlio* (2012), assim como na biografia de padre Cícero, constrói um personagem paradoxo, retiramos do enredo uma passagem que comprova a afirmação de que Getúlio Vargas é, desde sua infância, manhoso e astuto, como afirmou o jornalista Chatô. Esse biografema serve como uma orientação, um guia que o narrador Lira Neto (2012) usa com afinco, fazendo dessa história não a vida de Getúlio, porém o seu encontro com uma das vidas de Getúlio Vargas, com um (uns) biografema(s).

Getúlio foi influenciado pelas histórias contadas pelo pai na infância e por fazer parte de uma família de militares, resolve se alistar no exército. Por isso, já com dezenove anos, a fim de se “adequar à faixa etária exigida pelo exército, Getúlio *rasurou a própria certidão de nascimento.*” (NETO, 2012, p. 64) (grifo nosso). Neto (2012) mais uma vez deixa claro que Getúlio tem suas contradições como qualquer ser humano, fazendo o que lhe favorece não importando a procedência. De fato, Getúlio é uma verdadeira raposa:

Precisou esperar pacientemente pelo ano seguinte, quando só então, a 27 de março de 1900 – portanto menos de um mês antes de completar dezoito anos –, consegui vestir o jaquetão azul turquesa com estrelinhas no antebraço e gola alta, uniforme de cadete em Rio Pardo. [...] Nos documentos, entretanto, constava como se houvesse nascido a 19 de abril de 1883 – e não 1882. Não se tratava de um erro fortuito. Para se adequar à faixa etária exigida pelo exército, Getúlio rasurou a própria certidão de nascimento, reduzindo em um ano a verdadeira. (NETO, 2012, p. 64).

Nas últimas páginas da biografia de Getúlio Vargas, Lira Neto (2012) usa a descrição minuciosa para delinear Getúlio, relatando a cena em que o biografado, para se parecer mais com um revolucionário, troca a indumentária civil por um



uniforme militar. Nos biografemas utilizados percebemos um Getúlio que mesmo arrancando suspiro das damas, não ficava nada bem no figurino escolhido, já que “a indumentária, contudo, não lhe caíra bem.” (NETO, 2012, p. 494). Esses biografemas escolhidos pelo narrador constroem um retrato do então presidente que em nada se parecia com o de um revolucionário – pequenino e barrigudo – mas que mesmo assim assumiu a presidência. Aqui, temos também a singularidade, a particularidade e a universalidade de Adelmo Genro Filho (2012). Singularidade na forma com que o narrador descreve o biografado ressaltando aspectos distintos que podem ser percebidos na aparência de Vargas como o fato de mesmo baixinho e barrigudo arrancar suspiro das damas. Como particular o fato de que homens baixos e barrigudos não ficam bem em trajes militares e como universal o fato de os grandes líderes sempre se transfigurarem em indumentárias militares as vésperas de grandes revoluções.

Observamos nessas passagens que o narrador usa os biografemas como forma de ficcionalizar a narrativa biográfica. Percebemos que algumas opções biografemáticas fornecem ao leitor informações implícitas, ou seja, por meio da leitura de biografemas podemos perceber o poder aquisitivo, as manias do personagem, nos ambientar no espaço em que o biografado circula, por exemplo. Todavia, alguns biografemas estão meramente dispostos com igual riqueza de detalhes, que nada aplicam à narrativa biográfica. Assim, percebemos que as biografias de cunho jornalístico são “afetadas” e na ausência de conexões que esquadrihem esse *puzzle*, os biógrafos se esforçam em uma tentativa de atribuir um sentido à vida biografada.

Os biografemas rompem a fronteira dos modelos tradicionais de biografia que, como afirma Vilas boas (2008), “jura dizer a verdade nada mais que a verdade, somente a verdade” e se associa a um olhar que evidencia os pequenos detalhes, “as cinzas soltas” de Barthes (1979), os traços insignificantes que fazem parte dessa vida.

#### 4 CONSIDERAÇÕES INTERPRETATIVAS

Percebemos, no trabalho que aqui se encerra e nas leituras realizadas no grupo de pesquisa<sup>11</sup>, que essas formas de abordagem apresentadas acima servem como sobreposições de camadas mais complexas. Tentamos construir somente algumas possibilidades de acesso em biografias de cunho jornalístico.

Com isso, verificamos que os gêneros jornalísticos nos padrões propostos por José Marques de Melo (2010), assim como as comparações de Lima (1993), nos permitem não apenas portas de investigação, mas também uma luz classificatória. Além disso, constatamos nas biografias um acolhimento, de um lado, dos pilares de Genro Filho (2012) como universalidade, particularidade e singularidade que ademais de encaixar-se nessas narrativas definem o gênero como sendo jornalístico, enquanto que de outro, semelhanças da singularidade com algumas técnicas norteadoras do *creative nonfiction*<sup>12</sup>. Ademais, buscamos identificar complexificações que estabelecem a prática jornalística quando esta é midiaticizada. Em particular a dialogia que se concebe quando os campos do conhecimento buscam em outras áreas os elementos atestatórios de identidade enquanto campo. Questões que nos intrigam, mas que, em função do espaço aqui cedido, deixaremos para futuros momento de debate como, por exemplo, a) os jogos de poder narrativo abordado por Motta (2013)<sup>13</sup>, e reconfigurados pelo grupo “jornalismo e literatura: narrativas complexificadas” em trabalho

---

<sup>11</sup> Jornalismo e literatura: narrativas complexificadas, ligado, de um lado, ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), enquanto que, de outro, ao departamento de Comunicação Social da referida universidade.

<sup>12</sup> Na pesquisa e abordagem, decorrentes da produção de minha dissertação, percebemos uma aproximação entre a singularidade de Genro filho (2012) e algumas técnicas usadas pelos escritores adeptos ao movimento do *creative nonfiction*, porém mesmo notada, resolvemos não nos aprofundarmos muito para não fugirmos ao foco na argumentação. <http://btd.unisc.br/Dissertacoes/RodrigoBartz.pdf>.

<sup>13</sup> Motta propõe, com base em Genette (1988), e sem pretensões totalizantes, que se compreenda as opções do narrador, aqui visto como “sujeito enunciador da voz narrativa” (MOTTA, 2013, p. 216), a partir de um esquema gráfico que hierarquiza os níveis de poder (narrativo) envolvidos na narração jornalística. Por esse viés, devemos considerar, na estrutura narrativa, a presença de pelo menos três narradores:

1 PRIMEIRO NARRADOR . Extradiegético. Fora da história. É o veículo e a organização por trás dele. Opera preliminarmente para atrair a audiência, “vender” o conteúdo. 2 SEGUNDO NARRADOR. Intradiegético, ou seja, de dentro da história. É o jornalista, o sujeito que narra a história. Sua função é tecer o fio da história, de acordo com sua interpretação dos papéis e da posição dos personagens em conflito. 3 TERCEIRO NARRADOR. Igualmente intradiegetico. São as personagens, ou fonte-personagens. Do ponto de vista da hierarquia discursiva, o poder se estabelece a partir do primeiro narrador em direção ao terceiro, ou seja, na seguinte forma: PRIMEIRO NARRADOR > SEGUNDO NARRADOR > TERCEIRO NARRADOR.

apresentado no XV congresso de ciências da comunicação na região sul<sup>14</sup>, e; de forma mais profunda do que realizamos aqui, b) o neologismo desenvolvido por Barthes (1979)<sup>15</sup> denominado biografemas tidos, em nossas pesquisas, em uma perspectiva literária de análise. Assim, o gênero biográfico descomprometido com padrões, busca aparatos outros em diversas fontes, distintas formas de se legitimar frente a um mercado complexificado.

O que mais nos interessa nessas metamorfoses são as emergências da biografia de natureza jornalística no cenário editorial. Terminamos com poucas certezas absolutas, porém com a capacidade de perceber que compreender o que elas significam, principalmente em tempos evolutivos do jornalismo implica termos condições de observar importantes transformações e intertextualidades que estão em constante processo nos dias atuais.

**ABSTRACT:** In this article we will cover some narrative aspects of the biographies of journalistic nature, as well as strategies for the (re) construction of the life. This desire arose from curiosity about the genre, which always appears in the list of best sellers, and crams the shelves of bookstores and libraries, mainly from the twentieth century on, but it is still despised by the academy and little studied. We noticed that in the biographies written by journalists, which is a current trend of the market, many of the biographical “puzzle pieces”, as Décio Pignatari (1996) called them, do not fit, or seem to belong to another game. So, many of these gaps left by these missing parts are informed by what Roland Barthes, in *Camera Lucida* (1984) and Sade, Fourier, Loyola (1979) call biografemas. Thus, we propose to introduce some of the techniques used in the biographies. The research adopts as its corpus journalist Lira Neto's *Getúlio: dos anos de formação à conquista do poder (1882-1930)* (2012). Which is indexed as a journalistic narrative, in the form of a biography.

**Keywords:** Biography. Journalism. Space. Classification. Approach.

## Referências

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1984.

---

<sup>14</sup> Na ocasião em Maio de 2014, traçamos os passos que seguiremos, reconfigurando essa hierarquia de Motta (2013), por este não considerar o dispositivo livro em sua análise. Além de reconfigurar ainda tentaremos introduzir um quarto narrador, chamado previamente de narrador maior, em uma perspectiva midiaticizada. <http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2014/resumos/R40-1167-1.pdf>.

<sup>15</sup> Para Barthes (1979), biografema é entendido como uma espécie de anamnese factícia, uma imitação que é mais da ordem da fabulação, daquilo que não toma como modelo um Real-Imaginário, mas que o inventa na sua necessidade de fazer algo com ele.

---

\_\_\_\_\_. *Sade, Fourier, Loiola*. Lisboa: Edições 70, 1979.

BARTZ, Rodrigo. *Jornalismo e literatura: as complexificações narrativas jornalísticas de cunho biográfico* [recurso eletrônico]. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2015. URL: <http://editoracatarse.com.br/site/wp-content/uploads/2015/10/E-Book-de-Rodrigo-Bartz-Jornalismo-e-literatura.pdf>.

COSTA, Luciano Bedin da. *Estratégias biográficas: o biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche e Henry Miller*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida*. São Paulo: Edusp, 2009.

GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2012.

GROTH, Otto. *O poder cultural desconhecido: fundamento da ciência dos jornais*. Tradução de Liriam Sponholz.- Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

LIMA, Edvaldo Pereira. *O que é livro-reportagem*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MELO, José Marques de Melo; ASSIS, Francisco de. *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise crítica da narrativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

NETO, Lira. *Getúlio: dos anos de formação à conquista do poder (1882-1930)*. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

PIGNATARI, Décio. Para uma semiótica da biografia. In: HISGAIL, Fani. *Biografia: sintoma da cultura*. São Paulo: Hacker editores: Cespuc, 1996.

RIBEIRO, Teresa. *Biografia: o jornalismo literário de Fernando Morais*. Maceió: EDUFAL, 2011.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. *O jornalismo em novos territórios conceituais: internet, midiatização e a reconfiguração dos sentidos midiáticos*. São Leopoldo: Unisinos, 2009. Tese (Doutorado em Comunicação), Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. URL: <http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/DemetrioSosterComunicacao.pdf>.

\_\_\_\_\_. *A midiatização das narrativas jornalísticas na seção Diário da Revista Piauí*. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 9, 2011, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro, SBPJor, 2011. CD – ROM.

Revista *Literatura em Debate*, v. 9, n. 17, p. 192 - 212, dez. 2015. Recebido em: 21/09/2015. Aceito em: 20/12/2015.

\_\_\_\_\_. *Sistemas, complexidades e dialogias: narrativas jornalísticas reconfiguradas*. In: PICCININ, F.; SOSTER, D. A. (org.). *Narrativas comunicacionais complexificadas*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2012.

\_\_\_\_\_. *Reconfigurações narrativas no jornalismo e na literatura*. *Revista Brasileira de Ensino de jornalismo*. REBEJ. V.3, n.12, p. 96-108, 2013.

VILAS BOAS, Sergio. *Metabiografia e seis tópicos para o aperfeiçoamento do jornalismo biográfico*. São Paulo. ECA/USP, 2006.

\_\_\_\_\_. *Biografismo: reflexões sobre as escritas de vida*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

WOLFE, Tom. *Radical chique e o novo jornalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.